

## **Os saques em Abreu e Lima, 2014: uma ação coletiva violenta sintomática**

Guilherme Benzaquen<sup>1</sup>

### *Introdução: uma análise provisória*

A noção de sintoma é um artifício epistemológico utilizado recorrentemente. É comum vermos pesquisas que se valem da ideia de que “X revela algo que está para além de X”. Porém o uso corrente é pouco rigoroso, pois não sabemos por que nem como o sintoma revela aquilo de que é sintomático. O objetivo principal desse trabalho é discutir os saques que ocorreram em Abreu e Lima, pensando-os através do caráter sintomático das ações coletivas violentas, o que significa uma defesa teórico-metodológica de uma abordagem ainda pouco comum nas ciências sociais. Em um esforço de acúmulo e não de exclusão, o foco em uma análise sintomática não significa ignorar a importância de algumas análises causais ou compreensivas. É um foco – e, como tal, é uma escolha – que se justifica pelo que ele torna visível e destacado, pois, nesse tipo de análise, a forma da ação coletiva e uma crítica do capitalismo contemporâneo ganham destaque.

O esforço de acúmulo e complementariedade não pode, entretanto, ser total, pois existem premissas ou enfoques teóricos que se contrapõem ao que aqui desenvolverei. Distancio-me, desde já, das abordagens que resumem os saques ao irracionalismo ou à animalidade dos sujeitos que deles participam. Essa é uma forma de perceber o fenômeno que tem grande penetração no senso comum e no discurso midiático, tendo como maior representante teórico Le Bon (2016). Essa despolitização da questão é chamada criticamente por Thompson (1998) de visão espasmódica da história popular: aquela que não pensa o agente comum como histórico. A multidão foi caracterizada como um fenômeno que corrompe as individualidades e suas personalidades. Participar de uma ação de multidão faria com que os indivíduos se degradassem e isso era explicado através de noções racialistas preconceituosas.

Outra abordagem da qual se faz necessário distanciar-se é a que confunde gatilho – assassinato de um jovem negro, fome, greve policial – com causa. A busca de uma causalidade simples, aquela que se baseia em uma regularidade empírica observável, é problemática nas ciências sociais como um todo e com os saques não é uma exceção. Refutá-la é fácil ao verificarmos que, se é verdade que sem o gatilho não ocorreriam os saques e que eles são importante no desenrolar dos acontecimentos, eles por si só não causam os saques,

<sup>1</sup> Doutorando em Sociologia pelo PPGS/UFPE. E-mail para contato: [benzaquenguilherme@gmail.com](mailto:benzaquenguilherme@gmail.com)

dado que muitas vezes ocorrem – por exemplo, assassinatos de jovens negros – e nem sempre há saques<sup>2</sup>.

Dessa maneira, para realizar uma análise sintomática dos saques, dividirei o artigo em três momentos complementares. Partirei da descrição de um caso empírico: os saques em Abreu e Lima durante a greve da polícia militar pernambucana em 2014. Depois debatarei teoricamente os saques como ação coletiva violenta sintomática e, nesse momento, recorrerei a análises sobre outros casos recentes. Por fim, retornarei para o caso de Abreu e Lima e explicarei a possibilidade de interpretação desses acontecimentos através de uma análise sintomática que revele os conflitos em que essas ações estão imersas. Em termos teóricos, esses três momentos dependem de um duplo diálogo: com as teorias das ações coletivas – para desvendar as formas mesmas dos saques – e com a crítica da economia política – para desvendar o sintomatizado.

Chamo esse trabalho de análise provisória, pois se insere no processo de escrita de uma tese de doutorado a ser entregue em 2020. É provisória porque ainda não terminei o trabalho de campo nem as análises dos dados até agora construídos. Estou lidando com quatro tipos de dados: jornais, vídeos, entrevistas e estatísticas. Através da análise de jornais e vídeos, estou construindo uma descrição de como os saques ocorreram em Abreu e Lima. De acordo com a análise sintomática que estou desenvolvendo, não há uma distinção rígida entre descrição e explicação. Perguntar acerca do “como” abre possibilidades, permite conhecer as circunstâncias de um evento, o que se passou em torno dele e os envolvidos. Para realizar essa descrição estou utilizando dados secundários disponíveis publicamente: uma análise documental dos três principais jornais em circulação em Pernambuco e uma análise de vídeos produzidos por jornalistas e não-jornalistas e veiculados na internet. O recorte temporal para os jornais é de alguns dias antes dos saques, data do anúncio da greve da polícia militar, até a retirada do exército. Com relação aos vídeos, realizei uma busca no YouTube que resultou em 88 relevantes para a pesquisa.

Além disso, estou realizando um trabalho de campo com entrevistas semiestruturadas. As entrevistas permitem uma aproximação crítica aos conflitos cotidianos vivenciados pelos sujeitos locais. A entrada no campo tem sido feita gradualmente, tendo como primeira estratégia idas eventuais à Abreu e Lima, nas quais já realizei algumas entrevistas e consegui superar parcialmente a grande dificuldade que é estabelecer diálogos acerca dos saques. Por

<sup>2</sup> Para uma discussão acerca da causalidade nos motins e revoltas, recomendo Moran e Waddington (2016). A defesa que fazem é a de que analisar os saques causalmente significa realizar uma explicação de múltiplas variáveis e com isso conseguem fugir da confusão entre gatilho e causa.

fim, dados estatísticos do IBGE e Cadastro Único servem para uma contextualização e análise da realidade socioeconômica municipal. Devido ao volume de dados com os quais estou trabalhando, tenho que realizar um processo de articulação e triangulação nas análises que tem sido facilitado pela delimitação da função de cada dado para a pesquisa, tendo permitido verificar algumas discrepâncias próprias a cada tipo de dado. Porém, apesar de chamar a análise de provisória, esse trabalho é uma sistematização do enfoque teórico-metodológico que vem sendo desenvolvido e já aponta para traços importantes do que descobri em pesquisa.

### *Saques em Abreu e Lima em 2014<sup>3</sup>*

No dia 13 de maio começa a greve dos policiais e bombeiros militares de Pernambuco. Suas reivindicações eram extensas, porém estavam centradas em cinco pontos: reajuste salarial em 50%, reformulação do plano de cargos e carreiras, reestruturação do hospital da polícia militar, mudança do código de disciplina e o reajuste do vale-alimentação. Os policiais decretaram greve por tempo indeterminado depois de uma reunião de negociação malsucedida com representantes do governo. Os soldados foram orientados a se recolher nos quartéis e a não fazerem rondas em viaturas nem policiamento a pé ou de moto. Cerca de 30% do efetivo deveria continuar trabalhando, mas apenas em serviços essenciais como o cuidado ao armamento e no hospital da polícia militar.

No dia 14, o governo aceitou três propostas: reestruturação do centro médico hospitalar, reformulação do plano de cargos e carreiras e incorporação do risco de vida ao salário-base. Entretanto, as viaturas policiais continuaram recolhidas durante o dia nos batalhões. À noite, o governo solicitou à justiça estadual que considerasse a greve ilegal e abusiva. Além disso, 2.250 soldados do exército foram convocados para auxiliar na segurança com a chamada Operação Pernambuco. Na manhã do dia 15, o Tribunal de Justiça de Pernambuco decretou a ilegalidade da greve. À noite, depois de 50 horas, é anunciado o fim da greve e a decisão salarial ficaria para 2015. O saldo criminal apresentado pela Secretaria de Defesa Social aponta que no período de paralisação houve aumento de 136,35% no número médio de roubos no estado. Em relação aos homicídios, a Secretaria informou que a média de assassinatos durante a paralisação foi de 13,3 homicídios por dia, em Pernambuco, quantidade superior à registrada nos primeiros doze dias do mês (9,8)<sup>4</sup>. Já o número de furtos no estado

<sup>3</sup> Essa descrição está baseada em vídeos coletados no YouTube e em notícias veiculadas nos três principais jornais do estado: Diário de Pernambuco, Folha de Pernambuco e Jornal do Commercio.

<sup>4</sup> O aumento do índice de homicídios é um dado importante de ser analisado. Pensando para além das estatísticas é cruel a relativização de qualquer homicídio, porém, em um estado com índices tão alarmantes, é necessário pontuar que o aumento registrado nos dias dos saques não foram tão significativos e que no final de

caiu 22,86%, algo estranho à primeira vista – dado o número de saques -, mas que se torna compreensível quando descobrimos que os saques são contabilizados por lojas e não por produtos furtados.

Tendo em mente esse quadro geral, podemos nos centrar nos fatos que mais nos interessam: os saques em Abreu e Lima. Já no início da greve da polícia militar de Pernambuco, começaram os boatos e o medo da possibilidade de saques. Ressoava na memória o que já havia ocorrido em outras greves de policiais no país, como a da Bahia um mês antes. Os boatos circularam por toda a greve e muitos foram os relatos de saques que depois se mostraram falsos. Porém, o verdadeiro começo dos saques se deu apenas no segundo dia (14) da greve e ocorreu na cidade de Abreu e Lima. Essa é uma cidade periférica – fica a 19 quilômetros da capital Recife -, mas que se tornou central nos acontecimentos de 2014. Além de ter sido lá o começo da onda de saques, foi também o local das maiores ocorrências<sup>5</sup>.

Abreu e Lima possui uma grande extensão territorial, sendo mais de 75% na zona rural, porém a população se concentra predominantemente na zona urbana (ABREU, S.d.). Segundo dados do IBGE (S.d.), a população estimada para 2014 era de 98.201. Os dados de Abreu e Lima relativos à qualidade de vida estão entre os melhores do estado. O seu índice de desenvolvimento humano municipal é de 0,679; décimo melhor do estado e considerado um índice de desenvolvimento humano médio. Já o índice de Gini é de 0,38; um dos menores do estado, empatado com um grande número de cidades pernambucanas. Um fator característico da cidade é a concentração de evangélicos. Com 38.218, o número de evangélicos quase se iguala ao de católicos e é comum os seus habitantes reivindicarem o título, comprovado pelo IBGE, de “cidade mais evangelizada do Brasil”. Outro dado relevante para a pesquisa é que, na zona urbana, a concentração da atividade econômica se dá no setor de serviços, sendo um polo comercial de todo o litoral norte pernambucano.

O comércio de Abreu e Lima não estava funcionando no dia 14, era feriado por conta do aniversário da cidade e estavam planejados dois dias de festejo. Porém, com o anúncio da

semana seguinte a média foi ainda maior. Isso me leva a perceber que o homicídio não foi a ação primordial nesse acontecimento – ao contrário do que ocorreu no Espírito Santo em 2017. Portanto, ao contrário do veiculado em alguns jornais, a “desordem” não se manifestou como homens que se matam quando da ausência do Estado.

5 Algo a ser registrado é que, apesar de realmente ter sido o local de maior protagonismo dos saques, a cobertura midiática não foi balanceada. Apagou-se de uma parte da memória local que ocorreram saques também em outras cidades e muitos casos divulgados no YouTube como tendo ocorrido em Abreu e Lima aconteceram, na realidade, em outras cidades pernambucanas. O motivo desse “centrar fogo” em Abreu e Lima ainda me é misterioso, mas alguns dos entrevistados elencam a hipótese de que se deve à surpresa da cidade mais evangelizada do Brasil, segundo dados do IBGE, ter vivido uma onda de saques tão grandiosa.

greve, os shows previstos foram cancelados. Na tarde do dia 14 de maio, ocorreu um protesto que interditou a principal rua da cidade. A causa do protesto é incerta – alguns afirmam ter sido por conta de um atropelamento de um idoso enquanto que outros falam que foi uma resposta ao adiamento da festa -, porém o certo é que, pouco tempo depois do início do protesto, alguns ônibus começaram a ser depredados e caminhões, a serem saqueados. Estamos diante de mais um caso em que uma ação coletiva violenta teve início em uma ação coletiva não violenta (TILLY, 2003). À noite, as lojas da principal avenida da cidade foram saqueadas e começaram a aparecer ocorrências em outras cidades do estado. Ocorreram alguns conflitos com policiais civis, porém, o pequeno efetivo que trabalhava na época não foi capaz de impedir a proliferação dos saques. Os donos de lojas e seus funcionários, foram pegos de surpresa e demoraram até reforçarem a proteção dos estabelecimentos<sup>6</sup>. Quando o fizeram, utilizaram serviços de segurança privada, algo que complementa cotidianamente a atividade policial. Os saques só acabaram no dia 15, após 16 horas consecutivas.

Os saques foram praticados por grupos com um baixo grau de coordenação. Segundo Tilly (2003), o grau de coordenação pode variar bastante nas violências coletivas, porém aquelas enquadradas em sua categoria “oportunismo” - como os saques – geralmente são de baixo ou médio grau. Por mais que algumas pessoas apareçam como mais proativas nas imagens dos saques, não foram identificadas lideranças nos vídeos analisados – tampouco o foram pelo trabalho investigativo da polícia. Em algumas ocasiões os grupos eram bastante numerosos, principalmente nos saques a supermercados, porém em outras, apenas alguns indivíduos entraram em lojas de médio porte e saquearam. Com relação à seletividade dos saqueadores, ou seja, à escolha dos locais saqueados, é possível afirmar que os alvos principais foram lojas de médio porte – principalmente de calçados, roupas e eletrodomésticos – , porém também foram invadidos alguns poucos supermercados, que foram completamente esvaziados, o que significa que os pequenos comércios – como, por exemplo, mercearias – foram, em sua grande maioria, poupados<sup>7</sup>. A quantidade de estabelecimentos saqueados ainda é desconhecida, pois tanto os jornais variam bastante esse dado entre 25 e 200 lojas, quanto as associações de lojistas não publicizaram os dados fornecidos pelas próprias lojas.

6 Como aponta Svampa (2013), ao pensarmos os saques como ação coletiva, é importante que analisemos quais as ações coletivas daqueles que se opuseram aos saques. Para defender a propriedade privada acontecem casos em que são realizadas barricadas e linchamentos, como em Córdoba em 2013.

7 Ressaltar aqui a seletividade é importante porque revela certo cálculo nos participantes dos saques, ao contrário dos que pensam que saques são ações “irracionais”. Sabendo da complementariedade entre razão e emoção, não me interessa defender aqui um sujeito cartesiano com posse plena de uma racionalidade capaz de realizar cálculos. Interessa-me apenas relativizar e criticar os que “animalizam” os participantes dos saques. Acerca disso, recomendo o instigante ensaio “Carta aberta aos que condenam a pilhagem” de Williams (2011).

As imagens e os relatos são muito claros de que uma ampla variedade de sujeitos – homens, mulheres, crianças e idosos – participou nos saques em Abreu e Lima. A abrangência também envolve a questão da renda: os jornais falam principalmente de “pessoas humildes”, porém também apontam alguns poucos casos de “pessoas com renda familiar considerável”. Além disso, há menções nos jornais a determinadas categorias sociais, como estudantes e, principalmente, evangélicos. Nas entrevistas realizadas, é um ponto recorrente a surpresa que causou a participação de pessoas que se manifestam publicamente como religiosas fervorosas. Uma anedota que já nos foi contada mais de uma vez com algumas variações foi o caso de uma pessoa que ao saquear esqueceu uma bíblia dentro da loja. Na mesma linha, foi recolhido um relato de uma evangélica que justificou a sua participação nos saques por esses terem sido uma oportunidade dada por Deus para que ela obtivesse um eletrodoméstico que não seria nunca capaz de comprar. Não interessa tanto se são factuais ou não esses casos, mas sim o quanto representativos são da participação nos saques de sujeitos que não eram esperados agirem de tal maneira<sup>8</sup>. A surpresa dos moradores locais também se deu porque os saqueadores eram “conhecidos”, “vizinhos” e “fregueses”. A fronteira entre um “nós” e um “eles” – algo recorrente nos saques (TILLY, 2003) – foi difícil de ser estabelecida, por conta da proximidade e da generalidade das pessoas que participaram nos saques.

Isso tem estreita relação com os sentimentos de desconfiança e vergonha que surgiram após o fim da greve. Uma forma de lidar com essa vergonha foi a devolução das mercadorias saqueadas. Centenas de pessoas devolveram os produtos por conta própria ou obrigados pela família. Muitos dos que devolveram disseram que não participaram ativamente, mas que teriam apenas comprado os produtos – o que já é tipificado criminalmente como interceptação de mercadorias roubadas. Nos relatos, aparecem dois motivos para a devolução: o arrependimento por terem feito algo errado que nunca fizeram na vida e o medo de serem pegos pela polícia. O medo, inclusive, teve relação com o fato de nem todos os produtos devolvidos terem sido entregues nas lojas ou para a polícia, pois muitos deixaram as mercadorias nas calçadas e até mesmo em um cemitério.

<sup>8</sup> É necessário apontar que Le Bon (2016) e Freud (2011) estavam corretos em indicar a possibilidade de modificação do sujeito quando participa de tais acontecimentos, porém ambos se ancoram em explicações perigosas para tal mudança: o primeiro se vale de preconceitos raciais e de aspectos psicológicos que surgem com a multidão, enquanto que o segundo procurará no inconsciente individual a explicação para tal comportamento. Chamo essas explicações de perigosas porque já serviram de legitimação das desigualdades vivenciadas pelos sujeitos dos saques. Parece-me mais produtivo, em termos de uma teoria crítica do social, enveredar pela explicação thompsoniana que busca na cultura essa transformação que não seria tão grande assim, dado que o conflito já existiria de forma latente por conta de processos econômicos e políticos.

Por fim, ao término dos saques, os comerciantes afetados tiveram que fazer muitos reparos nas lojas e nos estoques. Durante poucos dias, alguns comerciantes mantiveram seguranças privados e tapumes na entrada das lojas com medo de mais ocorrências. Como forma de reaver os prejuízos, associações de lojistas pediram um tratamento diferencial nos impostos e tiveram várias reuniões com representantes do governo. Pelo relatado nos jornais, não parecem ter conseguido incentivos muito favoráveis, porém o comércio se reergueu e hoje em dia funciona normalmente<sup>9</sup>.

### *Saques como ação coletiva violenta sintomática*

Os saques são um fenômeno que perpassa a história humana em tempos e lugares muito variados. Ao se ater aos mais próximos e mais recentes, na América Latina e no Caribe, os casos são tão numerosos que é difícil realizar uma lista exaustiva. Tivemos saques depois de terremotos, em 2010, tanto no Chile quanto no Haiti. Em 2013, a Argentina viveu saques em todo o país depois de uma greve policial. Em 2014, foi a vez do Brasil vivenciá-los em alguns estados. O México teve ondas de saque, em janeiro de 2017, depois do aumento do preço de bens de consumo, e, passado um ano, ocorreram novos casos no país. Mais recentemente, em fevereiro de 2018, tivemos saques na Colômbia<sup>10</sup>. Com tantos casos e, em contextos tão distintos – muitos inclusive no Norte global -, o certo é que os saques não podem mais ser compreendidos como uma etapa das ações coletivas que seria ultrapassada com o pleno desenvolvimento da modernidade – como pensou em certo momento Hobsbawm (1970).

Em termos etimológicos, o verbo saquear tem origem militar remetendo aos *sacromannos* na Itália e aos *sackmann* na Alemanha, ambos encarregados das bagagens do exército. No começo, portanto, a palavra estava ligada ao direito dos vencedores em carregar seus espólios após uma vitória militar. Porém, com o passar do tempo os saques começaram a remeter à ação dos vencidos: os pobres e miseráveis que expropriam mercadorias destinadas ao comércio (CERVIO & EYNARD, 2014). Uma boa definição de caráter operacional é a que aponta o saque como “a atividade de duas ou mais pessoas que [...] forçosamente se apossam de objeto apesar de impedimentos ou resistências” (AUYERO, 2007 p.21). Partiremos dela, pois nos permite ficar atentos para as seguintes características constituintes dos saques: é uma

<sup>9</sup> A exceção é um supermercado que faliu depois dos acontecimentos. Porém, já encontrei relatos que afirmam que ele “já estaria para fechar” e uma outra filial continuou funcionando na cidade.

<sup>10</sup> Para uma sistematização das análises produzidas a partir de alguns desses casos, ver Scribano e Lisdero (2017).

ação que não pode ser realizada por apenas uma pessoa e é conflitiva, pois não é aceita por outros sujeitos interessados nas mercadorias.

Estou trabalhando, portanto, no âmbito da sociologia política, interessado em estabelecer um enfoque político dos saques. Nesse sentido, mais do que por exigirem uma demanda explícita – dado que em alguns casos, como o de Abreu e Lima, isso não acontece –, parto da premissa de que os saques podem ser entendidos politicamente por seu caráter de ação coletiva e pelo que sintomatizam dos conflitos na sociedade. Não interessa, nesse momento, debater o caráter emancipatório ou não dos saques, apenas defender que, para além das “consequências” – que são sempre muito difíceis de serem mapeadas –, os saques são acontecimentos políticos.

Esse enfoque de cunho político dos distúrbios deve muito às teorizações de um grupo de historiadores britânicos marxistas, cujas figuras mais proeminentes foram Rudé (1991)<sup>11</sup>, Hobsbawm e Thompson<sup>12</sup>. Recorro a eles porque se propuseram a articular as ações de multidão com o contexto econômico e político. Para meus esforços de compreensão de saques contemporâneos, em um contexto onde a reivindicação de comida não foi colocada como questão central, Thompson – e em menor grau Rudé e Hobsbawm – apresentam uma série de contribuições: crítica da visão espasmódica, compreensão de que a negociação de conflitos nem sempre passa pelas esferas representativas, atenção à composição e aos motivos dos participantes, assim como às noções legitimadoras que nem sempre aparecem publicamente organizadas.

Porém, verifiquei que a tradição thompsoniana, algumas vezes, tem uma abordagem excessivamente compreensiva dos saques. Com seu conceito de “economia moral”, Thompson (1998) argumenta que havia uma escolha estratégica por parte dos que se revoltavam. Eles escolhiam dentre os costumes aqueles que legitimavam uma visão econômica divergente da economia de mercado, essa escolha seria o pano de fundo que uniria esses sujeitos e que permite que falemos de um tempo de luta de classes sem classes

11 George Rudé nasceu na Noruega e viveu grande parte de sua vida acadêmica fora do Reino Unido, porém sua produção estava intimamente articulada com o grupo britânico de historiadores comunistas.

12 A influência e longevidade das formulações thompsonianas são verificadas pela quantidade de trabalhos sobre saques nas secas nordestinas que o tomaram como referencial teórico. Foi verificado que também no Brasil, em muitos casos de saques, havia, entre os participantes, uma percepção de que os direitos básicos de sobrevivências estavam sendo desrespeitados. Algo que deslegitima a acusação de que os saques eram frutos apenas do desespero e, portanto, apolíticos (PEREIRA, 2013; NEVES, 2000). Nesse sentido, a defesa é de que há uma agência política na pobreza. Essa condição econômico-social não se transforma automaticamente em passividade perante as classes dominantes. Entender os saques como uma resposta natural à fome é utilizar uma estratégia discursiva que se vale de um argumento biologizante para retirar daqueles que sofrem com as desigualdades socioeconômicas a capacidade de agirem politicamente.



(THOMPSON, 1979). Parece-me que devido à importante tarefa de criticar o reducionismo socioeconômico de certas abordagens das revoltas populares, Thompson gerou novos problemas com sua crença racionalista na inteligibilidade do comportamento humano. “É possível detectar em *quase toda* ação popular do século XVIII uma noção legitimadora” (THOMPSON, 1998, p. 152, grifos nossos). Passagens como essa, usadas pelo autor contra os lebonianos, em um primeiro momento, me fizeram buscar noções legitimadoras nos saques em Abreu e Lima e, ao não encontrá-las me vi numa encruzilhada entre abandonar Thompson ou abandonar a politicidade dos saques analisados.

A análise sintomática e seu foco na forma como os saques acontecem, e não nas noções legitimadoras, é uma maneira de superar esse dilema – sem abandono das contribuições mencionadas – e um importante complemento teórico-analítico. A noção de sintoma não é estranha às teorias da ação coletiva. Pensando os saques como ação coletiva, partilho do pressuposto de Melucci (1996) de que eles são precedidos e presididos por conflitos, ao mesmo tempo em que são fatores de transformação desses conflitos. Portanto, as ações coletivas podem ser compreendidas como chaves hermenêuticas, pois comunicam questões que extrapolam a sua problemática mais aparente, ou seja, os saques de Abreu e Lima não podem ser explicados somente por seu gatilho: a ausência da polícia nas ruas. Os saques são o ponto de partida para pensarmos o que eles revelam de questões mais complexas.

Aderi, portanto, à concepção de que os saques devem ser analisados a partir dos conflitos que permeiam as ações coletivas visíveis, sendo eles um sintoma acerca dos processos de produção e reprodução social. Para entender esses atos, concordo com Devenney<sup>13</sup> (2012) de que é necessário compreender tanto as condições sociais e políticas desses atos, quanto pensar o que significa a forma mesma como esses atos ocorrem. Os sintomas manifestam em si algo para além de si e os limites desse algo, eles são significantes de complexos subjacentes.

Para a operacionalização da noção de sintoma é necessário recorrer à Zizek e seu diálogo filosófico com o marxismo e a psicanálise lacaniana. Em sua análise sobre os saques que aconteceram na Inglaterra em 2011, Zizek (2011) defende seu aspecto sintomático: “nas ruas britânicas, durante as agitações, o que nós vimos não foi o homem reduzido a um ‘animal’, mas a forma despida do ‘animal’ produzido pela ideologia capitalista”. Uma análise

13 Em sua análise sobre os ataques terroristas suicidas, Devenney (2012) defende que os homens-bomba são uma resposta sintomática da politização da vida nas sociedades modernas. Dessa maneira fica perceptível que um ato a priori disruptivo pode apontar para a manutenção da ordem dominante. Os ataques terroristas suicidas seriam uma mimese da política de propriedade da vida no contemporâneo, assim como os piratas no final do século XVIII mimetizavam os Estados mercantis.

desse tipo tem duas etapas principais. A primeira é livrar o sonho – na psicanálise e aqui os saques<sup>14</sup> – da ideia de que não tem nada a ver com a significação, ou seja, decidir por uma hermenêutica do fenômeno, por buscar seu significado. Depois buscar esse significado na forma mesma do fenômeno. Nesse tipo de análise, não se deve procurar algo que esteja por trás (um conteúdo latente), é no próprio fenômeno que se incorpora o que deve ser analisado. Isso já era praticado pela homologia metodológica entre Marx e Freud: “o ‘segredo’ a ser revelado pela análise não é o conteúdo oculto pela forma (a forma mercadoria, a forma sonho), mas, ao contrário, o segredo dessa própria forma” (ZIZEK, 1996, p. 297).

Se há na forma-prática aquilo que é ocultado, não significa que na forma-prática não haja cegueiras. Para explicar isso, Zizek retorna a Marx e defende que o fetichismo é uma condição da forma-mercadoria. Caso todos percebessem a abstração, a forma-prática deixaria de funcionar, porém o perceber aqui é na própria prática, não na mente. Em relação a Abreu e Lima, isso significa que não necessariamente os sujeitos dos saques identificarão em suas práticas aquilo de que são sintoma porque suas preocupações estavam voltadas para o desempenho dos saques. O mesmo ocorre com “o proprietário que participa do ato de troca e age como um ‘solipsista prático’ e desconsidera a dimensão sócio-sintética universal do seu ato, reduzindo-o a um encontro casual de indivíduos atomizados no mercado” (ZIZEK, 1996, p. 305). Para existir uma “abstração real” não é necessário que os indivíduos tenham consciência dela e o não-conhecimento é tomado como um pré-requisito de sua efetividade. É, portanto, uma realidade ideológica: “uma realidade social cuja própria existência implica o não-conhecimento de sua essência por parte de seus participantes” (ZIZEK, 1996, p. 306). O sintoma é “uma formação cuja própria consistência implica um certo não-conhecimento por parte do sujeito” (ZIZEK, 1996, p. 306).

Por fim, vale ressaltar que se os sintomas são uma tentativa de apresentar aquilo que não está presente, isso pode ocorrer tanto sincronicamente quanto diacronicamente. Eles podem ser metonímicos de uma ordem presente que ecoam e podem também ser o recalcado que reaparece. Segundo Zizek, para Lacan, o fetichismo da mercadoria no capitalismo é um

14 É importante demarcar que a psicanálise serve aqui para estabelecer parâmetros epistemológicos, porém os conceitos utilizados são de outra ordem: sociológica. As fronteiras entre esses dois saberes nem sempre são facilmente delimitáveis por conta dos frutíferos diálogos que têm feito. Porém a leitura sintomática que estou realizando se diferencia da análise de sintomas sociais feitas na psicanálise por conta do objeto analisado. Os sintomas que me interessam são fenômenos já sociais que revelam outros fenômenos sociais. Já a psicanálise parte do interior do indivíduo para o social. Tomemos Kehl (2009), por exemplo, que pretende demonstrar que a depressão é um sintoma do “mal-estar da civilização”. A diferença de escala – o meu foco nas relações sociais – me distancia da teoria psicanalítica e me mantêm em meu lugar de origem e reivindicado: a sociologia. Portanto, para dar conta da forma mesma do fenômeno, preciso de uma teoria da ação coletiva, não uma teoria do inconsciente. O que faz com que os sintomas aqui não sejam interpretados em seu caráter psicossomático.

sintoma recalcado do fetichismo entre os homens no feudalismo, por isso deveríamos procurar em Marx a invenção da noção de sintoma. Porém, antes de partirmos para o próximo tópico, devo ressaltar que, por tudo isso que foi exposto, é necessário não confundir sintoma com causalidade simples. No caso da análise zizekiana sobre os saques na Inglaterra, isso fica claro. O que ele afirma não é que o capitalismo animalesco gerou ações animalescas<sup>15</sup>, a explicação é mais nuançada que isso: no caráter animalesco dos saques se revela algo da ordem à qual pertence. A importância dessa ressalva final é que ela evita pensar os sintomas, como Zizek e Devenney o definem, a partir de uma causalidade estruturalista que exclui a agência. Não cabe a uma análise sintomática, pensar os sintomas como involuntários, ela não define a causalidade, mas sim as relações de homologias e de rupturas que surgem quando da expressão do sintoma.

#### *Comentários temporários: apontamentos sobre o caso de Abreu e Lima*

Como explicitado na introdução, esse artigo é parte de uma pesquisa em andamento. O seu caráter inconcluso fica mais perceptível justamente no esforço de apresentar uma conclusão. Esses comentários finais temporários pecam principalmente por ainda faltarem algumas mediações que tornem mais compreensível a relação do sintomático com o que é sintomatizado. Porém, ainda assim defendo que uma análise sintomática do caso de Abreu e Lima revela o caráter ambíguo da violência presente nos saques: por mais que representem à primeira vista uma ruptura com o regime de propriedade, ela também serve como legitimadora e reprodutora desse mesmo regime de propriedade. Os saques servem, portanto, para pensarmos duas questões importantes: o estatuto do consumo e das reivindicações coletivas. A forma como os saques ocorreram é um sintoma de que Abreu e Lima, em 2014, vivia um contexto de inserção social mediada pelo consumo no qual os conflitos tinham soluções possíveis bastante atomizadas e controladas.

Trazer de volta a propriedade aos debates políticos parece-me uma chave de leitura bastante elucidativa do que ocorreu nos saques. Abreu e Lima é uma cidade que tem como principal atividade econômica o terceiro setor e cuja maioria da população é bastante pobre<sup>16</sup>, ou seja, as lojas de eletrodomésticos e sapatos do centro que foram saqueadas são espaços

<sup>15</sup> É um claro problema da análise de Zizek que ele aceite o termo “animal” para se referir aos saques. Essa é uma operação retórica conhecida: joga-se com os termos do inimigo para demonstrar que ele próprio é aquilo que condena. Porém, devido à generalidade da visão espasmódica no senso comum, parece-me uma operação arriscada que evito em minhas análises.

<sup>16</sup> Em 2010, o percentual da população com rendimento nominal mensal per capita de até meio salário mínimo era de 43,3% (IBGE, s/d).

cotidianamente presentes, porém restritos. Os saques são, dessa maneira, um exemplo do que Devenney (2011) chama de políticas impróprias. Esse conceito está baseado na percepção de que propriedades, em qualquer maneira que se manifestem, sempre dependem de um cercamento, do estabelecimento de limites entre o que está excluído e o que está incluído. A propriedade estabelece uma série de relações e define aquilo que é apropriado e aquilo que é impróprio. As políticas impróprias seriam aquelas que rompem com esse limite e desestabilizam o regime de propriedade. Porém, em termos de reivindicação política, analisando a forma mesma que os saques ocorreram, especificamente o baixo grau de coordenação nas ações coletivas, podemos pensar o quanto isso é sintomático das políticas lulistas de bloqueio da política, no sentido de oclusão do conflito e de transformação da pobreza em um problema administrativo, como defende Oliveira (2018).

Sob outro aspecto, a presença de uma ampla variedade de sujeitos nos saques é sintomática de uma lógica do desfrute no capitalismo contemporâneo que se manifesta na obtenção constante de bens. Para Scribano (2015), há atualmente o que ele chama de “sociedades normalizadas no desfrute imediato através do consumo”. Essas sociedades são o resultado de práticas de desfrute, ou seja, da apropriação/posse de bens com “benefícios autocentrados para o possuinte”. Os saques foram uma maneira de obter bens sem a mediação do dinheiro, algo que pode ser interpretado como sintomático de uma forma cada vez mais importante de incentivo ao consumo: as transferências de renda mediadas pelo Estado e ativadas com o crediário. Esse tipo de consumo estava em alta, em 2014, pois havíamos vivido já 11 anos do lulismo e de sua política de incentivo ao consumo popular através de três iniciativas: implementação do Bolsa Família<sup>17</sup>, valorização do salário mínimo e generalização da concessão do crédito consignado (SINGER, 2012). Portanto, apesar da aparente ruptura - perceptível nas imagens de como ficaram as lojas no dia seguinte -, estamos diante de um fenômeno similar ao que ocorreu em Córdoba em 2013, quando os saques se constituíram como “uma licença para incorporar os processos metabólicos da troca mercantil” (SCRIBANO E LISDERO, 2017, p. 343).

Essa forma de analisar os saques leva-me à necessidade de um aprofundamento à questão de como se estabelecem as relações de propriedade e consumo entre os abreulimenses. Para isso, os dados que vêm sendo construídos têm apresentado informações relevantes tanto no que concerne às mercadorias saqueadas, à relação desses sujeitos com as lojas, à localização das lojas (os muros invisíveis que dividem a cidade) e à forma como esses

<sup>17</sup> Dados sobre o Bolsa Família em Abreu e Lima, de 2015, falam em uma média de pagamentos mensais de 12.117 famílias (IBGE, s/d). Algo bastante considerável se pensarmos que a população local girava em torno de 100.000 habitantes.

sujeitos significam as compras e os saques. Ainda restam muitos fios a serem puxados, porém já é possível perceber o caráter dialético de algumas políticas impróprias – como os saques de 2014 -, ou seja, os saques foram um ponto de ruptura heterogêneo e também revelaram o cotidiano que os permeava.

### *Referências bibliográficas*

- ABREU E LIMA. *História*. [S.d.]. Disponível em: <<http://www.abreuelima.pe.gov.br/cidade/historia/>>. Acesso em: 08/10/2015.
- AUYERO, Javier. *Routine politics and violence in Argentina: the gray zone of state power*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- CERVIO, A. L.; EYNARD, M. *Estrategias y acciones colectivas “para parar la olla”*. Una retrospectiva sobre los saqueos de 1989 y 2001-2002 (Documentos de trabajo del CIES N° 03). Buenos Aires: Centro de Investigaciones y Estudios Sociológicos, 2014.
- DEVENNEY, Mark. Property, propriety and democracy. *Studies in Social Justice*, 5 (2), 2011.
- DEVENNEY, Mark. Suicide Bombing and the Value of Life. *Security, Surveillance and the State*. Edgehill University, 2012.
- FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- HOBBSBAWM, Eric. *Rebeldes primitivos*. Estudo sobre as formas arcaicas dos movimentos sociais nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.
- IBGE. *Cidades*. [S.d.]. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/6HV>>. Acesso em: 08/10/2015
- KEHL, Maria Rita. O tempo e o cão, a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.
- LE BON, Gustave. *Psicologia das multidões*. São Paulo: WC Martins Fontes, 2016.
- MELUCCI, Alberto. *Challenging codes: Collective action in the information age*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- MORAN, Matthew; WADDINGTON, David. *Riots: an international comparison*. London: Palgrave Macmillan, 2016.
- NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a história: Saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- OLIVEIRA, Francisco. *Brasil: uma biografia não autorizada*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- PEREIRA, Francisco. O saque de 04 de fevereiro de 1988: noções de direitos e resistência camponesa (Itapiúna/CE). In: *XXVII Anais Anpuh*, 2013.

RUDE, George. *A multidão na história: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991.

SCRIBANO, Adrián. Disfrutá-lo! Una aproximación a la economía política de la moral desde el consumo. Buenos Aires: El Aleph, 2015.

SCRIBANO, Adrián; LISDERO, Pedro. Saqueos en la Argentina: algunas pistas para su comprensión a partir de los episodios de Córdoba-2013. *Caderno CRH*, 30, 80, 2017.

SINGER, André. *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia de Letras; 2012.

SVAMPA, Maristella. La caja de Pandora de los saqueos. *Revista de Cultura Ñ*, Argentina [2013]. Disponível em: <<http://www.revistaenie.clarin.com>>. Acesso em: 18/07/2017.

THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Thompson, Edward P. La sociedad inglesa del siglo XVIII: ¿lucha de clases sin clases?. In: *Tradicón, revuelta y conciencia de clase*. Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial. Barcelona: Crítica, 1979.

TILLY, Charles. *The politics of collective violence*. Nova York: Cambridge University, 2003.

WILLIAMS, Evan. *Carta aberta aos que condenam as pilhagens*. Lisboa: Edições Antipáticas, 2011.

ZIZEK, Slavoj. Como Marx inventou o sintoma? In: ZIZEK, Slavoj (org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1996.

ZIZEK, Slavoj. Shoplifters of the world unite. *London Review of Books* [2011] Disponível em: <<https://www.lrb.co.uk/2011/08/19/slavoj-zizek/shoplifters-of-the-world-unite>> Acesso em: 09/05/2018.